

CASA DAS ARTES DE LARANJEIRAS
apresenta os alunos formandos do Curso Técnico em Teatro

INFÂNCIA, TIROS & PLUMAS



DE **JÔ BILAC** DIREÇÃO **MARCELO MORATO**



08 A 18 MAIO

QUI A DOM 18H + 20H30

16 ESPAÇO SERGIO BRITTO

O premiado autor brasileiro **Jô Bilac**, em seu texto **INFÂNCIA, TIROS E PLUMAS**, conta a história de um grupo que se encontra num vôo para a Disney.

As situações inesperadas e angustiantes da viagem, ampliadas pela altitude e as turbulências do vôo, intensificam as tensões entre os personagens e deflagram questionamentos sobre a decadência das relações humanas, num jogo cênico rico e desafiador para o jovem elenco.

O diretor **Marcelo Morato**, nosso querido parceiro de longa data, apoiado por talentosa equipe, está à frente desta montagem de formatura do primeiro semestre de 2025, que marca para os alunos e alunas da Turma TEC-P o fim do período de aprendizado do Curso Técnico em Teatro da CAL.

Desejamos que o elenco saia enriquecido desta experiência e inicie a vida profissional com determinação, alegria e coragem.

*Alice Reis, Gustavo Ariani
e Hermes Frederico*





ALUNOS FORMANDOS DO CURSO
TÉCNICO EM TEATRO 2025-1



**BRUNO
KEMPER**
*



**CAMILA
ABDALAH**
*



**LUA
LIMA**
*



**NEY
FEIJÓ**
*



**NINA
VILLAR**
*



**PAULA
LEÃO**
*



**PEDRO
SCORALICK**
*



**SOFIA
FÉLIX**
*



**VICTOR
CARVALHO**
*



- *E por que ele quer morrer?*
- ***Ele não sente amor pela humanidade.***



O universo de **INFÂNCIA , TIROS E PLUMAS** é pleno de paradoxos. Mundos encantados, utopias literárias, paraísos artificiais, moedas virtuais, promessas demagógicas, idealizações sobre amor, sucesso e felicidade, entre outros delírios de uma vida perfeita, confrontam-se com o desprezo pelas minorias, a humilhação dos mais pobres, a subserviência aos caprichos dos mais ricos, regados a infâncias desmanteladas, abusos de poder, subornos, chantagens, tráfico de órgãos, assassinatos e super-heróis que mais parecem vilões obscenos.

O próprio título da obra já nos dá uma pista de que a **mistureba** é a tônica desta peça, num contínuo choque de significantes que ora se anulam, ora se tensionam, pois não participam do mesmo campo semântico. **Jô Bilac** reuniu na mesma ação dramática **infância, tiros e plumas**.

Infâncias ameaçadas pelo amadurecimento precoce, pelos adultos irresponsáveis e imaturos que deveriam ser seus protetores, pela lógica de mercado que as enxerga como consumidores-mirins. Os tiros de armas de fogo ou de brinquedo que, nas mãos de

bêbados, traficantes e crianças, arriscam a segurança de toda a tripulação, enquanto outras ameaças letais, como maçãs envenenadas, injeções, opióides, ou até mesmo as novelas de Dostoiévski podem ser usadas de forma vingativa por esposas traídas, amantes iludidas e doutores sem ética. As plumas não aparecem literalmente, mas se fazem presentes na futilidade, nos sonhos delirantes de grandeza, no enfeite, no adorno, na fantasia, na falta de responsabilidade e compromisso, na assombrosa e devastadora arrogância de princesas-mirins, e, sobretudo, no desprezo pela vida humana.

Nesta peça teatral, Jô Bilac nos faz perceber o esvaziamento dos discursos. Significantes perderam seu significado, mas continuam a ser disparados como palavras de ordem num momento em que já não fazem mais sentido algum. São balas perdidas. Podem se perder no vácuo ou se encrustar na testa de uma criança. Listas intermináveis, tão ao gosto do homem contemporâneo, se sucedem até a náusea, até se tornarem sementes estéreis. Nada frutifica, nada parece ficar retido, tudo se dilui. Tudo parece uma paródia do original, um pastiche de mau gosto, uma sensação de pós-orgia, de uma história que conhecemos de cabo a rabo e que, sabemos, não poderá terminar bem. Se acreditássemos piamente naquilo que se enuncia, o mundo pareceria um mar-de-rosas, onde creríamos

que, se fosse do nosso merecimento, o prêmio viria; que, se nos sacrificássemos o bastante, haveríamos de ser recompensados; que, no final do túnel, o sol brilharia para todos. Contudo, as gratificações e os confortos teimam em cair nos mesmos colos; a moral continua a ser comprada pois “tudo tem seu preço”; as promessas de “final feliz” seguem nos enevoando a visão; e as estatísticas de vidas desperdiçadas desmentem as utopias sem fundamento. Para escamotear a doença física, mental e emocional que sobrevém dessas tensões entre os tiros e as plumas, só mesmo muitas doses de anestésicos, analgésicos e realidade virtual para nos trazer algum alívio. Sem um bom entorpecimento, ninguém aguenta o rojão.

O carioca Jô Bilac (1984), nesta que é uma de suas peças mais ácidas, reuniu suas personagens num não-lugar: no lugar ideal, ou no lugar nenhum, na ilha utópica dos aeroportos e aviões. Ali, não criamos laços duradouros, estamos de passagem, fluímos, deslizamos, consumimos sem pensar na conta do cartão de crédito, a vida tem sua aura de riqueza e magia para aqueles que podem pagar, e para aqueles que estão a serviço do conforto alheio e das idiosincrasias de uma classe que não admite ouvir um “não”, resta o trabalho árduo, o suborno ou a humilhação. Nesta torre de Babel, mesmo a sei lá quantos mil pés de altura, trafegando de um país a outro, as relações humanas continuam a obedecer à

cartilha do capitalismo, da xenofobia, do preconceito, da exclusão e dos privilégios. Neste universo claustrofóbico, as divergências se intensificam. Nesta gaiola aérea que mantém seus passageiros e tripulantes presos entre quatro paredes, boiando nas nuvens, numa “suspensão”, num “não agora”, onde parece estarem parados, mas que os movimenta numa velocidade muito mais acelerada, a fúria selvagem pode vir à tona com maior compressão. E aquelas frágeis criaturas, agarradas à forte esperança de que o avião não vá cair, e que haverá de superar as fortes turbulências, seguem na doce ilusão de seus privilégios. Como disse Calderón de la Barca, em *A Vida É Sonho*:

**“ QUE É A VIDA? UM FRENESI.
QUE É A VIDA? UMA ILUSÃO,
UMA SOMBRA, UMA FICÇÃO;**

**O MAIOR BEM É TRISTONHO,
PORQUE TODA A VIDA É SONHO
E OS SONHOS, SONHOS SÃO”.**

Num grande caldeirão de referências, Jô Bilac mistura as mais diversas fontes, usando como ingredientes duas novelas de Dostoiévski: “A Dócil” e

“Sonho de um Homem Ridículo”; o clássico infantil **“Branca de Neve e os Sete Anões”;** as tirinhas da **“Mafalda”**, criação do argentino Quino; o universo kitsch almodovariano etc. Nesta peça de 2015, o autor faz uso de uma linguagem ágil, numa dramaturgia de cortes quase cinematográficos, onde cada cena sempre se inicia com o diálogo já em andamento. Como criadores do espetáculo, nós também empregamos um amálgama de referências: canções emblemáticas (desde Carmen Miranda até ABBA) e trilhas sonoras reconhecíveis (de filmes de Alfred Hitchcock, Pedro Almodóvar e Charles Chaplin), que estabelecem uma atmosfera para os mais diversos gêneros dramáticos: melodrama, farsa, suspense, tragédia grega, chanchada, musical, entre outros.

Quanto ao espaço cênico, que em boa parte da ação se dá no interior de uma aeronave, tão comprimido e previsível em sua forma cilíndrica, também deformamos, explodimos ou expandimos seus limites realistas. Os assentos do voo 6331 estão em constante movimento e reorganização, servindo às atmosferas e às relações que se estabelecem ao longo da ação dramática. Neste voo que, desde o início, tinha tudo para dar errado, os passageiros e tripulantes se dirigem vertiginosa e alucinadamente para um desfecho que não teria como ser idílico.

Esperamos que vocês apreciem a nossa companhia.

Agradecemos sua preferência e fidelidade. Desafivalem os cintos, mantenham seus celulares no modo avião e boa viagem.

Agradeço à CAL por, mais uma vez, me confiar a montagem de uma formatura; aos funcionários desta instituição; aos parceiros desta empreitada [Marina, Márcia, Rita, Pablo, Fael e Wilson]; à turma TEC-P; e às minhas incansáveis assistentes de direção Ana Boeckel e Renata Machado.

Desejo, de coração, que esses atores e atrizes que ora se formam tenham vitalidade, inteligência e oportunidades para trabalhar, lutando por uma vida digna, um mundo sustentável e um ser humano mais responsável. Abraços, beijos e flores para vocês, formandos!



MARCELO MORATO

diretor geral

FICHA TÉCNICA



TEXTO

JÔ BILAC

DIREÇÃO

MARCELO MORATO

PREPARAÇÃO CORPORAL

MARINA SALOMON

DIREÇÃO DE ARTE

FAEL DI ROCA

ILUMINAÇÃO

WILSON REIZ

ASSIST. DE DIREÇÃO
E TRILHA SONORA

**ANA BOECKEL
RENATA MACHADO**

ASSIST. DE MONTAGEM

ADRYE BATTISTA

ASSIST. DE PRODUÇÃO

NICOLE MOCARZEL

MONTAGEM DE LUZ

**JAIME SOUSA
NILSON SOUZA**

PROJETO GRÁFICO

RITA ARIANI

FOTOGRAFIA

PABLO HENRIQUES

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

MARCIA QUARTI

realização

CAL CASA
DAS ARTES
DE LARANJEIRAS